

“SOMOS TÃO JOVENS”: ANÁLISE DO DISCURSO ANTIMERITOCRÁTICO SOBRE JUVENTUDE NEGRA COMO PRÁTICA DE MULTILETRAMENTO

Douglas de Oliveira Domingos

Universidade Federal da Paraíba / douglasdeoliveira55@gmail.com

Resumo: Para o filósofo Michel Foucault, onde há poder, há resistência e, a partir dela, a História avança. Com base nos postulados da Análise do Discurso foucaultiana, este trabalho busca analisar discursivamente as relações de saber-poder anti-meritocráticas e antirracistas materializadas em uma performance audiovisual veiculada pela Rede Globo, no Criança Esperança 2017. A partir disso, escavamos as condições de emergência desse enunciado e expomos hibridismos e memórias discursivas inscritas nessa produção audiovisual. Também recorremos ao aporte teórico de Muniz Sodré para discorrermos acerca da função tanto dos sujeitos construídos na materialidade sincrética em questão quanto da grande mídia no agenciamento de discursos sobre meritocracia e racismo. Após essa análise descritivo-interpretativa, amparamo-nos nas pesquisas de Roxane Rojo para associarmos as conclusões obtidas às práticas de multiletramentos destinadas aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio, a fim de evidenciar a relação estreita entre Análise do Discurso e ensino. Entendemos que, diante da multiplicidade de gêneros discursivos propiciada pelo avanço das novas tecnologias de comunicação, o desenvolvimento de competências e habilidades descritas nos Parâmetros Curriculares Nacionais está atrelado tanto à compreensão estrutural e funcional de materialidades sincréticas quanto à interpretação dos sentidos histórico-discursivos que constituem a linguagem. E essa junção aproxima o pensamento crítico e a resistência das práticas cotidianas dos alunos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Análise do Discurso, multiletramento, resistência.

Introdução

“A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no país. Vou falar de novo! A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no país”, diz Lázaro Ramos, ator negro que trabalha em uma das maiores emissoras televisivas do Brasil e é consagrado tanto na dramaturgia quanto na cinematografia nacional. Assim se inicia mais uma das performances audiovisuais veiculadas no programa Criança Esperança 2017, que foi ao ar na noite de 19 de agosto do mesmo ano na Rede Globo. A sequência de shows e performances transmitidas nesse dia é a culminância representativa de uma campanha de mobilização social promovida pela emissora em parceria com o Órgão das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O Criança Esperança se constitui também como um projeto que incentiva financeiramente

Organizações Não-Governamentais e outras instituições atuantes na valorização dos direitos das crianças e dos adolescentes, principalmente aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social. (CRIANÇA ESPERANÇA, 2017).

Uma das formas de arrecadar recursos para o investimento nas ONGs e em outros projetos sociais é a doação do público. Embora as pessoas possam colaborar durante todo o ano, através tanto de doações no site do projeto quanto da compra de alguns produtos na loja da Globo, há uma intensificação da publicidade em torno do Criança Esperança anualmente nos meses de julho e agosto. A campanha reverbera na grade de programação da emissora, nas redes digitais, nos programas de rádio e em outros canais da Rede Globo, operando com mensagens de apelo social e emocional que alcancem a sensibilidade e

a conscientização do público que ativem a atitude de ligar para os telefones fornecidos ou acessar o site do projeto e realizar a doação. O programa, que tem em média uma hora de duração e é exibido uma vez ao ano, reúne performances artísticas e reportagens que abordam discussões sobre temáticas relevantes para a infância e a adolescência no Brasil.

Uma dessas performances contou com a participação de jovens negros de comunidades cariocas e foi embalada pela música “Tempo Perdido”, de Legião Urbana, na voz do cantor Tiago Iorc. No decorrer deste resumo expandido, analisaremos como os discursos racistas que constroem a meritocracia são combatidos através da função enunciativa que atravessa a performance em questão. Logo após, evidenciamos a pertinência de se debater essa temática em salas de aula de Ensino Fundamental e Médio utilizando recursos audiovisuais que promovam multiletramentos de resistência. A necessidade de abordar esses assuntos se expressa na estatística cruel descrita nas frases que introduzem este trabalho. A meritocracia, o racismo e o genocídio da população negra se alimentam, pois, do apagamento e do silenciamento da existência dos que sofrem. Isso nos leva a não enxergar os jovens assassinados a cada 23 minutos no país, a achar que o racismo se extinguiu, a adotar a meritocracia como caminho para a felicidade e a negar que a violência simbólica ceife a vida da juventude. Para que tiremos as vendas dos nossos olhos, devemos tatear os discursos que nos cercam e identificá-los. Como grita Lázaro Ramos ao fim da performance, “precisamos nos importar!”.

Metodologia

Utilizamos os postulados de Michel Foucault para uma Análise do Discurso que evidencie os fluxos da microfísica do poder e da resistência. Assim, através de uma metodologia descritivo-interpretativa, buscamos escavar as condições de

emergência dos enunciados e investigar, a partir da materialidade sincrética da performance, como os discursos antimeritocráticos digladiam com os poderes instituídos no imaginário social. O discurso, pois, manifesta-se no texto. Através da língua em funcionamento, da manifestação concreta dos discursos, entram em jogo marcas passíveis de descrições, como “implícitos, elipses, negações e interrogações, múltiplas formas de discurso relatado etc.” (GREGOLIN, 2006, p. 32). Ao mesmo tempo, é preciso interpretar e suscitar, na análise, conexões, transitoriedades e proximidades entre os discursos, a partir de redes de memórias que produzem sentidos em um momento histórico. O ato de descrever e interpretar “não se trata, pois, de duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento” (GREGOLIN, 2006, p. 32).

Por fim, no intuito de abordar a relevância da análise para o fomento de competências e habilidades relacionadas à cidadania no ensino básico, evidenciamos a prática de multiletramentos de resistência como uma atividade necessária para o pensamento crítico dos alunos. Nesse sentido, as pesquisas de Roxane Rojo e Lúcia Santaella demonstram pertinência ao apontarem para a aprendizagem que se molda aos aspectos contemporâneos da sociedade, com a evolução técnica da linguagem e a consequente disseminação de híbridos gêneros discursivos na mídia.

Resultados e discussão

Segundo levantamento realizado pelo movimento Todos pela Educação em 2016, as diferenças de oportunidades entre negros e brancos persistem e acentuam a desigualdade social no Brasil (TOKARNIA, 2016). Embora as pessoas negras – soma daquelas que se autodeclararam pretas ou pardas – sejam maioria no país (52,9%), essa população ganha menos da média salarial nacional. As discrepâncias também se fazem

presentes na evasão escolar. Entre os adolescentes brancos de 15 a 17 anos, 70,7% estavam no Ensino Médio; entre os pretos, o índice cai para 55,5% e entre os pardos, 55,3%. Diante desse quadro, surgem pontos de vista que ignoram condições históricas de marginalização étnico-racial e que reforçam um ideário meritocrático como justificativa para o insucesso dos jovens negros. É comum ouvirmos expressões como as seguintes: “A escola é pública, está aberta para todos, só não estuda quem não quer” ou “Só basta força de vontade e dedicação aos estudos para ascender socialmente”. A insistência atroz nessas argumentações ingênuas se reproduz na mídia, que silencia os poderes devastadores do racismo. Segundo Muniz Sodré (1999, p. 245), “a mídia tende a negar a existência do racismo, a não ser quando este aparece como objeto noticioso, devido à violação flagrante desse ou daquele dispositivo anti-racista ou a episódicos conflitos raciais”. Isso cria uma corrente invisível que nasce na desigualdade de oportunidades e desagua no genocídio da população negra, assassinada principalmente no mundo obscuro do crime, uma espécie de democracia racial que, de acordo com Kabengele (2004, p. 88-89), “exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimular as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não-brancas de terem consciência dos sutis mecanismos de exclusão da qual são vítimas da sociedade”.

Devido à função social do programa Criança Esperança, sua estrutura temática nada contra essa corrente. A performance audiovisual em análise se inicia no palco do programa com os atores Lázaro Ramos, Dira Paes e Leandra Leal olhando para a câmera em direção ao telespectador e sintetizando os conflitos sociais que levam à interrupção da vida da juventude negra. Logo após, o toque instrumental de piano da música “Tempo

Perdido” introduz uma pequena reportagem narrada por Lázaro Ramos e permanece como fundo musical até o fim de toda a performance. As imagens – feitas através dos celulares de moradores de prédios vizinhos – que preenchem a tela mostram um ônibus que saía de Copacabana (Zona Sul) para o bairro do Jacaré (Zona Norte) sendo depredado por cerca de 40 jovens. A letra da música passa a ser cantada por Tiago Iorc; no vídeo, as cenas de depredação continuam, sobrepostas por retângulos que mostram somente os olhos de pessoas negras, em alusão à não identificação de menores de idade. Em seguida, surge uma imagem de jovens negros sentados no chão, aglomerados, com a cabeça curvada sobre os joelhos; em primeiro plano, a legenda: “42 jovens detidos / A maioria menores de idade”. Mas por que as cenas de violência provocadas por esses jovens são importantes para contextualizar a problemática da exclusão social? Segundo Foucault, as relações de poder se exercem através de microlutas cotidianas espalhadas por toda a estrutura da sociedade em pontos móveis e transitórios (MACHADO, 1979). Não se trata, pois, de revoluções que abalam abruptamente as instituições e suas leis, mas sim de sublevações, de “instantes de irrupção de algo novo” (PORTOCARRERO, 2008). Nesse curto espaço de tempo, a sociedade volta os olhos para a documentação da mídia e enxerga rapidamente os gritos dos jovens negros. Logo após, o tremor se acalma e suas vidas seguem invisíveis, apagadas, marginalizadas.

Na sequência do vídeo, o major porta-voz da Polícia Militar do Rio de Janeiro, Ivan Blaz, declara que “isso não é um problema de segurança pública, isso é um problema social e a polícia atua apenas na ponta desse iceberg”. Seguem, então, imagens aéreas diurnas e noturnas do bairro do Jacaré, um enorme amontoado de casas distribuídas apertadamente pelos morros. A narração de Lázaro Ramos continua e enfatiza que o bairro tem um

dos piores índices de desenvolvimento humano do Estado. A música se alterna com a narração e costura as imagens. Neste momento, a câmera desce até os becos apertados que dividem as casas e apresenta a silhueta e os olhos de alguns jovens com os rostos cobertos por panos. Eles parecem segurar armas. “Em comunidades espalhadas por todo o país, cenas como essa se repetem. Jovens aguardam por oportunidades que muitas vezes não chegam”, diz Lázaro Ramos. A câmera desfoca e em seguida foca nos objetos que estão nas mãos dos jovens e se assemelham a armas. Revela-se, então, que são instrumentos musicais, como trompetes e clarinetes. A imagem retoma a memória de uma fotografia feita por Anderson Valentim e veiculada na página do Projeto Favelagrafia no Instagram em outubro de 2016, em que jovens negros encapuzados e sem camisa seguravam tais instrumentos como se fossem armas. Assim, “o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, por ele significado, e o interdiscurso, isto é, a memória do dizer [...], em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo” (NAVARRO-BARBOSA, 2004, p. 121). Ocorre, portanto, uma quebra da expectativa no telespectador em torno da relação entre a falta de oportunidades e o mundo do crime. Aproveitando o ensejo da reflexão sobre a memória discursiva, podemos pensar sobre a retomada da música “Tempo Perdido”, divulgada primeiramente em 1986. Na década de 80, o Brasil estava vivenciando um processo de abertura política depois de cerca de vinte anos da Ditadura Militar. As condições de possibilidade da composição dessa música nos levam a refletir sobre o contexto de exclusão política desse período e na atualização dessa marginalização na contemporaneidade. Além disso, a parte instrumental da música reinterpretada é composta por uma sonoridade clássica, associando assim o erudito ao popular, visto que os jovens negros portam os

objetos historicamente restritos às altas camadas da sociedade. Isso nos faz aludir às práticas de divisão que Foucault concebe como geratrizes da normalização dos sujeitos. Para ele, “o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros. Este processo o objetiva. Exemplos: o louco e o são, o doente e o sadio, os criminosos e os ‘bons’ meninos” (FOUCAULT, 1995, p. 231). A oposição entre os pares erudito e popular se rompe nessa performance e abre espaço para a subjetivação dos sujeitos, para a conquista de novos territórios. Desse modo, “Foucault mostra a possibilidade de as normas sociais determinarem a vida dos indivíduos parcialmente, num jogo de determinação-indeterminação em que há sempre zonas vazias que se abrem à invenção” (PORTOCARRERO, 2008, p. 421).

Em seguida, a câmera corta para o palco do Criança Esperança. Tiago Iorc canta no meio do palco e toca violão, iluminado por um refletor branco. Ao seu redor, há escuridão. No decorrer da música (“Veja o sol dessa manhã tão cinza / A tempestade que chega é da cor dos seus olhos / Castanhos”), outras luzes surgem, olhos se alternam no telão às costas do cantor, jovens negros cobertos tanto no rosto quanto no corpo por vestes pretas se aglomeram no espaço. É pertinente retomarmos a ideia ilusória de democracia racial. No palco, a maioria negra e o jovem branco coexistem; entretanto, o cantor está no centro, iluminado por um refletor, enquanto os negros o rodeiam e se escondem. A presença do ator Lázaro Ramos demonstra uma exceção à “regra” cruel que condena o destino dos jovens negros à exclusão e ao sofrimento, e não uma questão de puro mérito. Segundo o professor Robert H. Frank, autor do livro “Sucesso e sorte – O mito da meritocracia”, “é preciso reconhecer que pessoas que nasceram em famílias ricas têm mais probabilidade de ser bem-sucedidas. Elas merecem? Em certo sentido, não. Já um indivíduo com um

talento gigantesco e uma enorme força de vontade que nasceu em um país desesperadamente pobre provavelmente não conseguirá transformar suas qualidades em sucesso. E não foi porque não merecia” (EXAME, 2017).

Os jovens negros tiram os panos que cobrem seus rostos e Tiago Iorc para de cantar. A música continua, somente de forma instrumental. Lucas Penteado, vencedor de uma batalha de poesia do movimento Slam Resistência e conhecido nacionalmente por ocupar uma das escolas públicas de São Paulo que seria alvo do projeto de reorganização educacional proposto pelo governo do estado em 2016, recita o poema “O Reino da Infância”, do Pastor Henrique Vieira. Logo depois, MC Martina, rapper do Complexo do Alemão que criou um coletivo chamado “Poetas Favelados”, continua a declamação. Esses sujeitos poderiam ter sido considerados como infames por Foucault, isto é, desprovidos de fama, anônimos, invisíveis. Os dizeres dessas pessoas não reverberavam. Para irromperem das profundezas do desconhecido, foi necessário que “um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido, permanecer é o encontro com o poder” (FOUCAULT, 2003). A resistência que Lucas Penteado e MC Martina exercem contra os poderes se dá através da arte, um dos instrumentos de ascensão social mais utilizados pelos jovens que lutam pelo mínimo de acesso a oportunidades. Esse choque com o poder que os tornou reconhecidos no Brasil inteiro foi propiciado pelas redes digitais, esse “espaço não localizado, no qual as formas simbólicas mediadas podem ser produzidas e recebidas por milhões de sujeitos num processo contínuo de territorialização e de desterritorialização” (GREGOLIN, 2015, p. 200).

Ao final da performance, a câmera fecha em primeiro plano no rosto de Lázaro Ramos, que diz: “Quando não se

fazem escolas, falta dinheiro pra presídios. Um preso custa treze vezes mais do que um estudante. Essa conta não fecha e não vai fechar nunca! Nós não podemos admitir que gerações e mais gerações se percam sem a chance de ter uma vida plena e digna de direitos. E nós precisamos nos importar! Nós precisamos nos importar! Nós precisamos nos importar!”. Junto com Tiago Iorc, os jovens negros cantam em coro a última estrofe da música “Tempo Perdido”, reafirmando que a esperança reside na consciência de que eles são tão jovens.

Conclusões

Após esse percurso analítico, reiteramos a relevância da temática sobre meritocracia e racismo nas discussões da sociedade, com extensão para as salas de aula do Ensino Fundamental e Médio. Nesse sentido, o gênero discursivo aqui apresentado se configura como um hibridismo de linguagens possibilitado pelos meios de comunicação. Segundo Roxane Rojo, é necessário que as práticas pedagógicas vão além da utilização reducionista de modalidades de escrita manual e impressa, a fim de abranger novas ferramentas, como áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação. Essa perspectiva de múltiplos letramentos converge para a essência dessa concepção pedagógica: ela “parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático” (ROJO; MOURA, 2012, p. 8).

Assim, estamos diante de “textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas [...] para fazer significar” (ROJO; MOURA, 2012, p. 19). Os postulados de Michel Foucault trabalhados ao longo da discussão podem ser trazidos para a contemporaneidade e,

com adaptação à faixa etária dos estudantes do Ensino Básico, aliar-se a essa multiplicidade de gêneros discursivos no intuito de desenvolver no alunado habilidades concernentes à leitura de resistência, ao pensamento crítico e à cidadania.

Referências

CRIANÇA ESPERANÇA. **Sobre a campanha.** Disponível em: <<https://redeglobo.globo.com/criancaesperanca/noticia/sobre-a-campanha.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

EXAME. **Este é o único caso em que você deve acreditar em meritocracia.** Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/carreira/este-e-o-unico-caso-em-que-voce-deve-acreditar-em-meritocracia/>> . Acesso em: 10 jul. 2018.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: _____. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222

_____, Michel. O Sujeito e o poder. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica.** Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-232.

GREGOLIN, M. Rosário. Discurso e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na web. In. **Análise de discursos em rede: cultura e mídia.** FLORES, G.G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S. M. L. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 191-201.

_____, Maria do Rosário. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja

materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, Pedro. **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos.** São Carlos (SP): Claraluz, 2006, p.19-34)

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 7-23.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil:** identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NAVARRO-BARBOSA, Pedro Luis. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Org.). **Foucault e os domínios da linguagem:** discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p.97-130.

PORTOCARRERO, V. Os limites da vida: da biopolítica ao cuidado de si. In: ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de.; VEIGA-NETO, A.; SOUZA FILHO, A. (orgs). **Cartografia de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros:** identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

TOKARNIA, Mariana. **Educação reforça desigualdades entre brancos e negros, diz estudo.** Agência Brasil, 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-11/educacao-reforca-desigualdades-entre-brancos-e-negros-diz-estudo>>. Acesso em: 10 jul. 2018.